

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA,
DROGAS E SOCIEDADE

DISCIPLINA: PSICOPATOLOGIA GERAL II

DOCENTE RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. CLARISSA M. CORRADI-WEBSTER

Maria, 50 anos, foi diagnosticada com esquizofrenia aos 28 anos de idade. Maria perdeu a mãe aos 07 anos de idade por doença de Chagas. Nessa época, ela passou a morar com o pai e mais 05 irmãos em uma pequena cidade da zona rural do interior da Bahia. Ela conta que moravam na roça, e ela e as irmãs começaram a trabalhar muito cedo para cuidar da casa e dos irmãos mais novos. Maria conta que o pai não era uma pessoa tão afetuosa como a mãe, e que forçava os filhos mais velhos a trabalhar na roça e ainda cuidar da casa. Ela conta que a primeira vez que teve uma “crise” foi aos 12 anos de idade. Nessa ocasião ela conta que viu um vulto andando atrás dela. Maria morava em uma pequena cidade na Bahia, e segundo ela, não havia médicos por lá. Ela diz que quando contava para as pessoas sobre o vulto que ela passou a ver ou sobre as vozes, eles a levavam para casas de “macumba” e igrejas e diziam a ela que isso era “coisa do demônio”. O tratamento, segundo ela, era esse, o de abençoar ou de exorcizar. Os vultos e as vozes continuavam, o pai de Maria decidiu então levá-la ao Chico Xavier (médium) para tentar entender o que essas vozes e esses vultos queriam com ela. Ela conta que após ter ido ao médium, sentiu que melhorou.

Maria se casou pela primeira vez aos 15 anos e foi mãe da primeira filha ainda na Bahia. Ela conta que o marido era agressivo e, em uma ocasião, ele brigou com o vizinho, e acabou matando o homem na frente dela e da filha pequena. O marido fugiu e ela nunca mais teve notícias dele. Desde o acontecido, Maria diz ter entrado em uma depressão “profunda”, conta ainda que o vulto e as vozes pioraram após esse fato. Maria relata que tem a sensação de que estão sempre vigiando ela. O vulto que ela vê também não a deixa em paz. Segundo ela, o vulto não a deixa dormir, pois fica mexendo na sua cama e no travesseiro durante a noite. De dia ela não consegue fazer as atividades em casa. Maria

conta que quando tenta limpar a casa ou fazer uma comida, o vulto derruba o que está na mão dela, e quando ele está muito perto, ela sente que o corpo fica gelado. Ela diz ainda que já tentou cozinhar, mas o vulto fica tão intenso e tão perto dela que ela não consegue se concentrar no que está fazendo. Segundo ela, o vulto a acompanha até fora de casa. Quando sai para ir ao mercado e até dentro do ônibus.

Maria em seu relato, diz que a vida sempre foi muito sofrida e que não tinha ninguém por ela, somente o pai. A irmã mais velha também sempre ajudou muito em casa e cuidava bem dos irmãos. Aos 26 anos Maria perdeu o pai e decidiu se mudar para Ribeirão Preto com a filha. Em Ribeirão ela conheceu o segundo marido, com quem ela teve mais 2 filhas. Segundo ela, as filhas não acreditam “nessas coisas de vulto e vozes”. Somente uma das filhas, que hoje mora fora do Brasil, acredita nela. Sobre o segundo casamento, ela diz que durante os primeiros anos, as coisas eram mais fáceis, mas depois foi só tristeza e brigas com esse marido. Ela conta que já tentou se matar algumas vezes, mas, segundo ela, nem Deus queria levá-la. Hoje Maria está divorciada e mora sozinha, já que as filhas casaram. Ela é aposentada e não faz nenhum tipo de atividade fora de casa. Ela ocupa a maior parte do dia vendo televisão ou passando um tempo na casa de uma das filhas, junto aos netos. Ela conta que não conversa com as filhas sobre sua experiência. Ela diz que prefere “guardar para ela” e, ocasionalmente, fala sobre isso somente com a filha que mora fora do país. Maria comenta que não tem amigos, tem pouco contato com os irmãos que ainda moram na Bahia, e o contato é apenas por telefone.

Apesar de contar que vê o vulto e escuta vozes desde criança, foi somente em Ribeirão Preto, no Hospital das Clínicas, que Maria foi diagnosticada com esquizofrenia e passou a fazer tratamento. Ela foi encaminhada para este serviço depois de uma tentativa de suicídio, em que estava muito triste e muito nervosa com as vozes de comando. Neste serviço ela foi medicada e acompanhada por um período, mas saiu com um encaminhamento para o CAPS.

Durante o relato, ela diz que de uns tempos para cá tem sentindo que alguém está fazendo algo de ruim para ela e para família dela. Ela conta que as vozes ficam falando para ela - "você não vale nada", "você não presta!", "ninguém gosta de você, você é um lixo!", “por que você não se mata?”. Maria diz que quando as vozes ou o vulto ficam muito intensos, ela se tranca no quarto escuro, porém sente que quando está sozinha no quarto o vulto a pega pelo pescoço, como se quisesse enforcá-la. Quando questionada se aconteceu algo que fizesse com que as vozes aumentassem, ela diz que tinha “passado

um nervoso”. Ela então conta então que tinha ido ao HC fazer alguns exames, no entanto, era necessário que alguém da família a acompanhasse no procedimento. Ao ser questionada pelo médico se ela não tinha ninguém da família que pudesse estar lá, Maria diz que começou a chorar e explicar ao médico que as filhas dela não se importavam e nem queriam saber da mãe. Ela diz, “minhas filhas acham que eu só quero chamar atenção”.

Maria relata que nunca parou de ver o vulto e escutar as vozes, eles a acompanham para todo lugar. Ela diz que não tem vontade de fazer nada, só de ficar isolada das pessoas. Não consegue limpar a própria casa ou fazer uma comida, apesar de gostar de cozinhar. Diz ainda que não tem amigos nem pessoas com que ela pode contar sobre essas coisas, já que ninguém consegue compreender esta experiência.